



MALOTE, MARICOTA E TELEX – FERRAMENTAS DE COMUNICAÇÃO EM ORGANIZAÇÕES, NUM PASSADO RECENTE.

Homens e mulheres nascidos hoje estarão no mercado de trabalho em 2036. Estes futuros profissionais não tomarão conhecimento das ferramentas tecnológicas e gerenciais existentes e disponíveis aos profissionais de hoje.

A reação será de puro espanto quando por algum motivo vierem a conhecê-las, já que as mesmas serão daqui a vinte anos completamente obsoletas. Da mesma forma que os atuais profissionais na faixa dos trinta anos não conhecem os recursos e ferramentas que foram utilizados na década de 80 a meados dos anos 90, antes do início da massificação do computador.

Temos consciência que criamos memória ao escrever nossas experiências pessoais ou profissionais. Me conforta o fato de compartilhar com você minhas histórias, e de alguma forma, com isso, ampliarmos neste caso o entendimento de um passado organizacional recente.

Vou compartilhar com vocês a minha experiência como executivo e as ferramentas de comunicação disponíveis na década de 80 a meados de 90. Vejamos.

Éramos uma grande construtora. No centro de São Luís ficava nosso escritório regional, que coordenava todas as obras da empresa nos estados do Piauí, Maranhão e no Pará.

Oitenta por cento das obras rodoviárias ocorriam no interior desses estados. Por conta disso e por política estratégica da diretoria, a estrutura administrativa e a operacional funcionavam juntas em um acampamento. Este, quando possível, ficava localizado num ponto equidistante no referido trecho.

As dificuldades já se davam na implantação da infraestrutura. Dávamo-nos por satisfeitos quando podíamos puxar energia elétrica para nossos acampamentos. Quando não era possível, tínhamos grupo gerador. Quando existia uma lagoa nas proximidades com boa água, fazíamos a captação, se negativo perfurávamos um poço.

Telefone era impossível, então durante anos, para resolver parte da comunicação, utilizamos um sistema de rádio mono canal (um fala o outro escuta) que chamávamos de "Maricota". O "Malote" dos correios resolvia o trâmite da documentação física entre a obra e o escritório em São Luís.

No escritório regional tínhamos uma sala exclusiva para a Maricota e o Telex, e Edesio era nosso operador. No acampamento, a "Maricota" ficava no almoxarifado e este dentro da oficina da obra. Imagine dez operadores de rádio, durante todo o dia e ao mesmo tempo, tentando passar as mais diversas solicitações para suprimento, principalmente de material para manutenção de nossas máquinas, veículos e equipamentos. Além das demandas administrativas! Um caos absoluto. Mas funcionava.

Era péssima a qualidade do som da "Maricota" para o entendimento da mensagem. Por conta disso e, lembrando ser um mono canal, os diálogos eram infundáveis, mesmo se utilizando a terminologia e códigos próprios, bem como a linguagem do "Q".

Quando Edesio recebia as solicitações das obras, via "Maricota", procedia em formulário a sua destinação interna, ou seja, para os diversos setores no nosso escritório regional.

O setor de compras da regional, conhecido hoje como de suprimentos, recebia suas demandas e verificava o que podíamos adquirir na praça de São Luís. Os itens restantes eram encaminhados via "Telex" para o setor geral de compras em Fortaleza.

A empresa tinha um contrato com os Correios, incluindo aí suas regionais bem como as suas obras. Duas vezes por semana recebíamos e enviávamos Malotes, dando assim fluidez à documentação física da empresa.

Antes das facilidades gerenciais advindas do fax, internet e telefonia móvel, o Malote, a Maricota e o Telex eram o que tínhamos à disposição, e dentro do nosso entendimento à época, achávamos excelentes. Assim como achamos excelentes os recursos tecnológicos existentes hoje.

Por: Adm. JOSÉ PEREIRA DE OLIVEIRA FILHO CRA 0296 MA.